

## Intermedialidade e referências intermediáticas: uma introdução / *Intermediality and intermedial references: an introduction*

*Ana Luiza Ramazzina Ghirardi\**

Professora Associada do departamento de Letras da UNIFESP e credenciada no Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. Possui mestrado e doutorado em Língua e Literatura Francesa, USP. Possui pós-doutorado pela Universidade Paris-Sorbonne IV e pela UNICAMP. É líder do grupo de pesquisa Língua e Literatura: interdisciplinaridade e docência (CNPq) e membro do grupo de pesquisa Intermedialidade: Literatura, Artes e Mídia (ANPOLL). É autora de diversos capítulos e de artigos publicados em revistas científicas indexadas.

 <http://orcid.org/0000-0002-5860-5198>

*Irina Rajewsky\*\**

Professora de Literatura Francesa e Italiana na Freie Universität, Berlin. É autora, entre outros, dos títulos *Intermedialität* (2002), *Border Talks: The Problematic Status of Media Borders in the Current Debate about Intermediality* (2002) e *Internediales Erzählen in der italienischen Literatur der postmoderne* (2003). Atualmente coordena o projeto de pesquisa “Mediality – Transmediality – Narration: Perspectives of a Transgeneric and Transmedial Narratology (Film, Theater, Literature).

*Thaïs Flores Nogueira Diniz\*\*\**

Professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais, onde obteve o título de doutor em 1994 e onde atua como colaboradora no programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Submeteu-se a um estágio pós-doutoral em cinema na Universidade de Londres em 2003. No momento coordena o Grupo de Pesquisa Intermídia: Estudos sobre a Intermedialidade.

 <http://orcid.org/0000-0002-4726-8536>

**Recebido:** 08 ago. 2020. **Aprovado:** 17 ago. 2020.

### Como citar este artigo:

RAMAZZINA GHIRARDI, Ana Luiza. RAJEWSKY, Irina. DINIZ, Thaïs Flores Nogueira. Intermedialidade e referências intermediáticas: uma introdução. *Revista Letras Raras*, v. 9, n. 3, p. 11-23, ago. 2020.

### RESUMO

Este artigo oferece uma breve introdução ao estágio contemporâneo dos estudos sobre a Intermedialidade. A primeira seção apresenta diferentes usos dos termos intermedialidade e mídia, destacando momentos-chave na história do conceito, desde o primeiro uso do termo “intermídia” por Coleridge, em 1812, passando pela contribuição de Higgins, na década de 1960, até chegar a Hansen-Löve e ao debate contemporâneo. Tanto intermedialidade como mídia são vocábulos que apresentam sentidos controversos e despertam em pesquisadores o desejo de construir uma definição apta a atender às necessidades de diferentes campos de pesquisa. Essa pluralidade de abordagens, sustenta-se

---

\*  [alamazzina@gmail.com](mailto:alamazzina@gmail.com)

\*\*  [irina.rajewsky@fu-berlin.de](mailto:irina.rajewsky@fu-berlin.de)

\*\*\*  [tfndiniz@terra.com.br](mailto:tfndiniz@terra.com.br)

aqui, tem sido vista, hoje em dia, mais como uma riqueza do que como um problema. A partir desse contexto, o artigo discute as três subcategorias propostas por Rajewsky (2015) para a intermedialidade detendo-se na especificidade da terceira, as referências intermediáticas. Sugere-se que teorizar as relações midiáticas se revela imprescindível para uma compreensão mais cuidadosa ou aprofundada da natureza da reconfiguração que se observa nas formas de comunicação social. As principais referências para o argumento são as contribuições de Clüver (2001; 2012); Elleström (2010) e Rajewsky (2005; 2010; 2015).

**PALAVRAS-CHAVE:** Intermedialidade; Mídia; Referências intermediáticas

#### ABSTRACT

*This paper offers a brief introduction to the current stage of intermediality research. The first section presents diverse readings of intermediality and media, highlighting different moments in the history of concept, from the first use of the word “intermedia” by Coleridge, in 1812, to Higgins’s in the 60s, Hansen-Löve’s and the current debate. Both intermediality and medium/media are contested terms and have prompted researchers to look for definitions apt to be used across various fields of research. Such variety of approaches, it is argued, is now seen as a potential bonus, rather than a problem. Rajewsky’s three subcategories of intermediality are presented, with special focus being given to intermedial references. The paper concludes by suggesting that theorizing intermedial relations is essential for an in-depth understanding of the nature of the current reconfiguration of social communication. The main sources for the argument are works by Clüver (2001, 2012); Elleström (2010) and Rajewsky (2005, 2010, 2015).*

**KEYWORDS:** Intermediality; Media/medium; Intermedial references

## 1 Considerações iniciais

Sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: ela é a sociedade.<sup>1</sup>

Manuel Castells<sup>2</sup>

A observação de Castells sobre a identidade entre sociedade e tecnologia captura, com a concisão e a profundidade habituais, as razões que determinam o momento de ruptura que hoje vivem as sociedades ocidentais.<sup>3</sup> Não se trata apenas de uma transformação de formas de produção material e simbólica, mas de uma reconfiguração completa nos modos pelos quais as sociedades e os sujeitos vivem e significam suas próprias experiências.

Essa reconfiguração, como já observara Benveniste<sup>4</sup> no meio do século passado, não pode se dar senão por meio da linguagem. É por meio dela, em todas as suas variedades, que a sociedade se constitui e funciona e é por seu intermédio que as subjetividades e a intersubjetividade tomam forma. O processo de comunicação não é apenas instrumental ou prático: ele é o terreno onde os sujeitos se constituem. Novas formas de ser implicam, portanto, e necessariamente, novas formas de expressão.

<sup>1</sup> No original: “We know that technology does not determine society: it is society” (tradução nossa).

<sup>2</sup> The Network Society: From Knowledge to Policy.

[https://communication.biu.ac.il/sites/communication/files/shared/qstl\\_\\_castell\\_d1\\_3-21.1-80.pdf](https://communication.biu.ac.il/sites/communication/files/shared/qstl__castell_d1_3-21.1-80.pdf) (acesso 20 jul. 1984, p. 18, 2020).

<sup>3</sup> Do mesmo Castells, ver *Ruptura: A crise da democracia Liberal*. (Zahar, 2018).

<sup>4</sup> <https://realista.hypotheses.org/1078> (acesso 20 jul 2020).

Não surpreende, assim, que a *sociedade em rede* tenha desenvolvido uma vasta gama de novas modalidades textuais, em sentido amplo, que se tornaram, rapidamente, parte do horizonte cotidiano de comunicação (por ex.: *blogs, twitters, whatsapp*). A revolução tecnológica traduz-se em um incremento na velocidade das trocas mas, de maneira ainda mais crucial, na qualidade e dinâmica dos modos de comunicação e expressão.

A internet e os milhares de aplicativos que permitem a democratização ou pulverização dos meios de produzir e divulgar conteúdos, associados a aparelhos de alta velocidade de conexão, aumentaram exponencialmente as possibilidades de comunicação. A revolução digital criou as condições para a ascensão de novas estratégias e formatos de expressão que, partindo de gêneros e mídias tradicionais (como o romance, a pintura ou a fotografia), os transformam radicalmente por meio de sua inserção em novos contextos midiáticos.

As novas mídias por meio das quais surgem esses novos gêneros e formatos são, compreensivelmente, objeto de crescente atenção. Elas são *loci*, instrumento e objeto das transformações contemporâneas. Sua teorização mostra-se, assim, indispensável para uma compreensão mais detida ou aprofundada da natureza da reconfiguração que se observa nas formas de comunicação social.

É nesse contexto que se insere o desenvolvimento, dentro da academia, de uma pluralidade de linhas de investigação que têm, direta ou indiretamente, a mídia por objeto de estudos. Trabalhos nas áreas de inter- e trans- midialidade, rem(i/e)dição, midiação e adaptação, apenas para citar alguns exemplos, têm em comum o interesse em investigar diferentes mídias e sua relação com novas formas de construção de sentidos nas sociedades contemporâneas. Cada uma a seu modo, essas linhas de indagação buscam entender as novas dinâmicas midiáticas, descrever suas configurações e examinar suas implicações.

O diálogo entre esses campos nem sempre é fácil, dadas as diferenças de construção do arcabouço conceitual, a partir do qual cada um deles se constitui. O próprio termo fundante de sua relação – *mídia* – termo central para estudos em todas essas vertentes é, em si mesmo, objeto de dissensões quanto à melhor definição. As implicações dessa fluidez têm sido frequentemente apontadas.

Igualmente controversa é a definição de *intermidialidade*, conceito de crescente relevância. A academia tem assistido a uma proliferação notável do uso desse termo. Por referir-se a uma dinâmica de transformação comunicacional característica da contemporaneidade, as

relações entre mídias fazem com que os debates em torno do sentido e do alcance de *intermedialidade* se tornem ainda mais importantes.

Essa disputa terminológica é, de fato, característica, quando em muitos universos de pesquisa, um termo pode ser apropriado por diferentes campos do saber. Como é habitual nesse processo, o termo em disputa - *intermedialidade* - desperta em pesquisadores uma incansável busca por definições que contemplem as necessidades das diferentes áreas de investigação que dele se utilizam.

O vocábulo *intermídia* já aparece em 1812, nos escritos de Samuel Taylor Coleridge embora, como já se observou, ele o utilize em um sentido e em um contexto marcadamente diversos dos atuais (MÜLLER, 2012). Para lá de seu interesse histórico, essa utilização pioneira por Coleridge ajuda a compor a “longa [...] pré-história” do conceito de intermedialidade que, como sugere Müller, merece estudo particular (MULLER, 2012).

Dick Higgins retoma o termo *intermídia* em 1966, utilizando-o para expressar um modo de ingresso a obras cujas formas eram pouco familiares aos leitores/espectadores da época: poesias concretas, poesias sonoras, happenings e outras. “Muitos dos melhores trabalhos produzidos hoje parecem estar entre mídias” (HIGGINS, 2012, p. 41). Em 1981, o próprio Higgins renova o uso do termo – agora falando de *intermedialidade* - embora ele ainda o utilize em um sentido muito específico para referir-se a obras “nas quais os materiais de várias formas de arte mais estabelecidas são ‘conceptualmente fundidas’ em vez de serem simplesmente justapostas” (HIGGINS, 2012, apud VENEROSO, 2012, p. 85).

Hansen-Löve é visto como aquele que cunhou ou que primeiro utilizou o termo *intermedialidade* no sentido que se tornaria relevante para os debates nos anos 1990. O pesquisador usa *intermedialidade* em analogia com *intertextualidade* para capturar as relações entre literatura e artes visuais. A partir dos anos 1990, o sentido preciso do termo torna-se objeto de intenso debate entre os acadêmicos e uma grande variedade de perspectivas e definições são propostas. Essa vasta gama de posições teóricas fez com que

o conceito de intermedialidade [tenha se estabelecido], desde o início, como um ‘termo guarda-chuva’, utilizado sempre de maneira diferente, justificado por abordagens teóricas diversas e sob o qual se combina uma multiplicidade de objetos, problemáticas e objetivos de pesquisa (*Erkenntnisinteressen*) heterogêneos (RAJEWSKY, 2020, p. 66).

Nas décadas seguintes, a proliferação no uso do termo começa a ser notada, assim como os desafios atrelados a essa ampliação. Já nos primeiros anos desse século, autores diversos indicavam problemas atrelados à migração do termo para outras áreas e à pulverização das pesquisas em intermedialidade.<sup>5</sup> Ainda que tenha surgido em ambientes centrados na literatura, o termo intermedialidade já transcendeu em muito o campo literário. É certo que esse conceito amplia vários campos de pesquisa que, anteriormente, se limitavam a certas áreas do saber (por exemplo, teatro, filme e mídia) e ajuda a impulsionar um caráter interdisciplinar de pesquisa.

Entretanto, apesar de e, em boa medida, devido a essa pluralidade de abordagens e definições de *intermedialidade*, o debate evoluiu sem cessar nas últimas décadas. Referenciais nesse debate são os trabalhos de André Gaudreault e Philippe Marion (*Transescritura e midiática narrativa*, 2004), Werner Wolf (*Intermediality*, 2005), Claus Clüver (p. ex. em *Inter textos / Inter artes / Inter media*, 2006), Walter Moser (*As relações entre as artes: por uma arqueologia da Intermedialidade*, 2006), Jürgen Müller (*Intermedialidade revisitada: algumas reflexões sobre os princípios desse conceito*, 2010), Irina Rajewsky (*A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade*, 2010), Bernard Vouilloux (*Intermedialité et Interarticité*, 2015), Éric Méchoulan (*Intermedialité et Interarticité*, 2015).

Mais recentemente, o debate tem avançado a partir dessa pluralidade de significações. Claus Clüver, no artigo citado acima, ao refletir sobre o termo intermedialidade, questiona o rótulo *Estudos Interartes* e indica que *intermedialidade* abrange não apenas o que se entende mais “amplamente como ‘artes’ (música, literatura, dança, pintura e demais artes plásticas, arquitetura, bem como formas mistas, como ópera, teatro e cinema) mas também as ‘mídias’ e seus textos” (CLÜVER, 2006, p. 18), ampliando assim o campo de estudo antes reservado apenas ao que se entendia por *arte erudita*.

Pode-se ainda notar essa ampliação de perspectiva de pesquisa, por meio do conceito de intermedialidade, nos estudos sobre adaptação. Elleström (2017) contribui enormemente para isto ao expandir os conceitos desenvolvidos nesta área, usando, como base teórica, o contexto de pesquisa em intermedialidade.

---

<sup>5</sup> “[...] no âmbito dos primeiros balanços do estado da pesquisa, a intermedialidade tenha sido designada como uma “palavra-chave utilizada de modo quase excessivo” e que, além disso, tenha sido afirmado que “abordagens de pesquisa diferenciadas” e, sobretudo, que uma resposta à questão fundamental de saber “o que se entende[ia] de fato pelo termo intermedialidade” ainda não haviam surgido. Criticava-se a dispersão das pesquisas intermidiáticas, sua fragilidade no âmbito teórico, bem como “a definição precária de seu objeto de pesquisa” (RAJEWSKY, 2020, p. 57).

Este artigo tem por objetivo oferecer uma rápida introdução a diferentes modos pelos quais se conceitua *intermedialidade*, bem como o significado dessas variações conceituais e de seu uso em diversas áreas de investigação. Tendo apresentado algumas noções de *intermedialidade*, recolhe, na próxima seção, diferentes acepções do termo *mídia*, ligando esse debate ao de intermedialidade por meio de sua articulação com a temática das referências intermediáticas.

## 2 Conceitos de mídia, noções de intermedialidade

O conceito de intermedialidade está necessariamente ligado ao conceito de mídia. Entretanto, também o conceito de mídia é altamente controverso, e o problema daquilo que constitui uma mídia distinta, ou o de se saber se podemos mesmo falar de *mídias individuais*, receberão repostas diversas a depender do campo acadêmico, de sua perspectiva e de seus objetivos de pesquisa (ver, também, RYAN [2005]; RAJEWSKY [2010]). Como Elleström (2017) observa

mídia é um termo empregado de forma ampla, e seria inútil tentar encontrar uma definição direta que abrangesse todas as noções que se encontram por trás dos diferentes usos da palavra. Noções dessemelhantes de mídia e de medialidade são utilizadas em campos diferentes de pesquisa, e não há motivo para interferência nesse sentido uma vez que elas atendem as suas tarefas específicas (ELLESTRÖM, 2017, p. 51).

No momento atual do debate, vários pesquisadores, assim como Elleström, consideram não fazer sentido a busca por uma definição que atenda a todas as áreas (cf. por exemplo, também Ryan [2005], que, por essa razão, sugere uma concepção tri-dimensional de mídia). Entretanto, isto não exime os pesquisadores em intermedialidade da necessidade de deixar claro o sentido em que entendem *mídia* e de desenvolver uma definição coerente que seja capaz de ancorar seu conceito em bases teóricas sólidas dentro dos estudos midiáticos.

Nesse contexto, há diversas abordagens à pesquisa em intermedialidade que revelam diferenças bastante significativas assim que são examinadas mais de perto. Nesse breve artigo, não é possível discutir, detalhadamente, todas elas. Algumas vozes relevantes serão suficientes para ilustrar esse ponto.

Clüver, em seu artigo *Intermedialidade* (2012) adota a definição de Bohn, Müller e Rupert (1988), ao indicar que mídia é o “que transmite para e entre seres humanos um signo (ou um complexo sóico) repleto de significado, com o auxílio de transmissores apropriados” (CLÜVER, 2012, p. 9). Guelton (2013), ao estudar intermedialidade e mídia, toma mídia como “suportes semióticos para as obras artísticas”<sup>6</sup> (2013, p. 12, tradução nossa). Segundo o autor, a noção de mídia “concentra-se antes de tudo nas significações suscetíveis de emergirem no encontro entre modos de significação que possuem suas próprias características”<sup>7</sup> (GUELTON, 2013, p. 12, tradução nossa). Já Wolf (2005), em seu artigo *Intermedialidade*, indica que, no contexto dos estudos de intermedialidade, mídia é entendida como “meios convencionalmente distintos de comunicar conteúdos culturais. É caracterizada, em primeiro lugar, pela natureza de seus sistemas semióticos subjacentes [...] e, só em segundo lugar, pelos canais técnicos ou institucionais”<sup>8</sup> (WOLF, 2005, p. 253, tradução nossa). Ou, como o mesmo autor sugere, em 2011:

Eu proponho a seguinte definição: “Mídia, como utilizada em estudos literários e de intermedialidade, são meios de comunicação convencionalmente e culturalmente distintos, especificados não apenas por canais institucionais ou técnicos particulares (ou por apenas um canal) mas, prioritariamente, pelo uso de um ou mais sistemas semióticos na transmissão pública de conteúdos que incluem, mas não se restringem, a ‘mensagens’ referenciais. De maneira geral, a mídia faz diferença no tipo de conteúdo que pode ser evocado, em como esses conteúdos são apresentados e em como são experimentados”<sup>9</sup> (WOLF, 2011, p. 2).

A noção de Wolf de ‘mídia individual’ como *meios de comunicação convencionalmente e culturalmente distintos* (grifo nosso) ou, para dizer de modo ligeiramente diverso, como mídias que são convencionalmente *percebidas* como distintas (RAJEWSKY 2010), tem se mostrado particularmente produtiva no campo dos estudos intermediários.

Rajewsky (2020), por exemplo, sugere que, enquanto a intertextualidade discute a relação entre textos, a intermedialidade analisa fenômenos que acontecem entre as mídias; o processo

<sup>6</sup> No original: “[...] de supports sémiotiques pour les œuvres artistiques” (GUELTON, 2013, p. 12).

<sup>7</sup> No original: “[...] se concentre avant tout sur les significations susceptibles d’émerger dans la rencontre entre des modes de signification possédant leurs propres caractéristiques” (GUELTON, 2013, p. 12).

<sup>8</sup> No original: conventionally distinct means of communicating cultural contents. Media in this sense are specified principally by the nature of their underlying semiotic systems [...], and only in the second place by technical or institutional channels” (WOLF, 2005, p. 253).

<sup>9</sup> No original: I propose the following definition: “Medium, as used in literary and intermediality studies, is a conventionally and culturally distinct means of communication, specified not only by particular technical or institutional channels (or one channel) but primarily by the use of one or more semiotic systems in the public transmission of contents that include, but are not restricted to, referential ‘messages.’ Generally, media make a difference as to what kind of content can be evoked, how these contents are presented, and how they are experienced.” (WOLF, 2011, p. 2).

intermediário representa um cruzamento de *fronteiras* midiáticas (RAJEWSKY, 2015). Como categoria analítica, *intermedialidade* pode assim permitir *insights* importantes para a análise de práticas artísticas e culturais de todo tipo, em várias configurações (textos verbais, filmes, performances, pinturas, instalações, HQ, vídeo games, *blogs*, internet, logotipos etc.) – desde que essas práticas, ou configurações midiáticas manifestem algum tipo de estratégia, elemento constitutivo ou condição intermediária

Esta apresentação, bastante breve, de diversos conceitos de mídia no contexto das pesquisas em intermedialidade não pretende, é claro, omitir perspectivas críticas que questionam fundamentalmente, por exemplo, a própria possibilidade de se delimitarem ‘mídias individuais’ (para detalhes, ver RAJEWSKY [2010]). Entretanto, de maneira geral, o que importa para as pesquisas é compreender que os dois termos, intermedialidade e mídia, recebem definições diferentes nos diferentes objetivos de pesquisa e campos do saber em que são utilizados. É nesse contexto que definições diversas de intermedialidade foram propostas.

No que diz respeito especificamente ao conceito de *intermedialidade*, um bom ponto de partida para os debates é a engenhosa definição apresentada por Wolf em *(Inter)mediality and the Study of Literature*:

Assim como no caso de uma mídia, a (inter) medialidade também pode ser concebida de modo mais restrito ou mais amplo: o sentido restrito foca na presença de mais de uma mídia dentro de um artefato humano (ver Wolf, *Musicalization* 37). Ao contrário dessa definição “intracomposicional”, eu proponho uma definição mais ampla que segue o pensamento de Irina O. Rajewsky (ver “*Intermediality*,” *Intermedialität*): intermedialidade, nesse sentido amplo, se aplica a qualquer transgressão de fronteiras entre mídias convencionalmente distintas... e compreende, assim, tanto relações “intra-” como “extra-composicionais” entre diferentes mídias<sup>10</sup> (WOLF, 2011, p. 3, tradução nossa).

Nos estudos da intermedialidade, Rajewsky (2015) sugere três subcategorias analíticas para seu uso: 1) Intermedialidade no sentido mais restrito de *transposição midiática*, isto é a transformação de um *texto fonte* ancorado em uma mídia específica que através de uma transformação midiática gera uma outra mídia; 2) Intermedialidade no sentido mais restrito de

---

<sup>10</sup> No original: As in the case of a medium, (inter)mediality can also be conceived of in both a narrow and a broad way: the narrow sense focuses on the participation of more than one medium within a human artefact (see Wolf, *Musicalization* 37). As opposed to this “intracompositional” definition, I propose a broader one that follows Irina O. Rajewsky’s thought (see “*Intermediality*,” *Intermedialität*): intermediality, in this broad sense, applies to any transgression of boundaries between conventionally distinct media ... and thus comprises both “intra-” and “extra-compositional” relations between different media (WOLF, 2011, p. 3).

combinação de mídias, também denominada multi- ou plurimedialidade, o que implica a combinação e portanto a *co-presença* (WOLF, 2005) de pelo menos duas mídias ou formas midiáticas de articulação percebidas como distintas (por exemplo, manuscritos com iluminuras, HQs, *graphic novels*, arte sonora e, de uma perspectiva histórica, também o teatro, a ópera e o cinema); 3) Intermidialidade no sentido mais restrito de *referências intermidiáticas*, que significa a superação de fronteiras midiáticas não por envolver de fato, isto é, materialmente, mais de uma mídia ou forma midiática de articulação como na combinação midiática (*co-presença*), mas por referir-se a uma outra mídia, por exemplo, tematizando, evocando ou imitando/simulando certos elementos, técnicas ou estruturas de outra mídia, utilizando seus próprios meios e instrumentos específicos para fazê-lo. Isso inclui, por exemplo, referências na pintura à fotografia (como em pinturas fotorrealistas que criam a ilusão de qualidade fotográfica valendo-se dos meios e instrumentos da pintura); da mesma forma, referências em filmes à pintura, em textos literários a filmes (a chamada escrita filmica), à música (*musicalização da literatura*) ou a obras das Belas Artes (*transposition d'art, écfrase*) etc.

Aqui, como Werner Wolf já indicou, em contraste ao que se vê em formas e processos de combinação de mídias, no caso das referências intermidiáticas, a outra mídia surge apenas de modo indireto ou encoberto:

Ao contrário de plurimedialidade [isto é, combinação de mídias] que cobre muitas variantes – da justaposição de mídias relativamente separadas a sínteses complexas de componentes mediais – a segunda variante de intermedialidade intracomposicional, “referência intermidiática”, não sugere nem um híbrido midiático nem uma heterogeneidade semiótica uma vez que não implica a incorporação de significantes de outras mídias. Contrariamente, obras e performances em que está presente a intermedialidade como referência, parecem ser midiaticamente e semioticamente homogêneas, pois o envolvimento de outra mídia aqui se dá apenas de maneira coberta ou indireta: por meio de significantes e algumas vezes também de significados que a ela apontam. Em contraste com a plurimedialidade, a outra mídia entra com a presença conceitual e não física e a mídia base retém o caráter de um complexo semiótico homogêneo<sup>11</sup> (WOLF, 2005, p. 254, tradução nossa).

---

<sup>11</sup> No original: As opposed to plurimediality [i.e. media combination], which spans many variants – from the juxtaposition of relatively separate media to complex syntheses of medial components – the second variant of intracompositional intermediality, ‘intermedial reference’, suggests neither medial hybridity nor semiotic heterogeneity since it does not imply the incorporation of signifiers of other media. Rather, works and performances in which intermediality is present as a reference seem to be medially and semiotically homogeneous, for the involvement of another medium here takes place only covertly or indirectly: through signifiers and sometimes also signifieds pointing to it. In contrast with plurimediality, the other medium enters as a conceptual rather than a physical presence, and the base medium retains the character of a homomedial semiotic complex. (WOLF, 2005, p. 254)

Na mesma linha, para Rajewsky, é crucial distinguir entre formas de combinação de mídias e referências intermediáticas, uma vez que o momento de atravessar fronteiras midiáticas se dá de maneira bastante diferente em cada caso: “No caso das referências intermediáticas ele não afeta a manifestação material de várias mídias dentro de uma configuração midiática dada, mas sim a qualidade específica *da própria referência*” (RAJEWSKY, 2010, p. 58-59); isto é sua qualidade *intermediática*.

É essa qualidade intermediática que distingue referência inter- de intramediática (por exemplo, de referências intertextuais, compreendidas como relações texto-texto em um sentido restrito, ou de referências filme-filme, pintura-pintura etc.). Entretanto, o que é mais relevante neste contexto é o fato de que as referências intermediáticas precisam ser distinguidas de formas ou processos de combinação de mídias.

As referências intermediáticas constituem um procedimento intermediático específico e requerem, assim, um olhar analítico que esteja atento a essa especificidade. Como aponta Rajewsky, referências intermediáticas devem ser compreendidas

como estratégias de constituição de sentido que contribuem para a significação total do produto: este usa seus próprios meios, seja para se referir a uma obra individual específica produzida em outra mídia, seja para se referir a um subsistema midiático específico, ou a outra mídia como sistema. Esse produto, então, se constitui parcial ou totalmente em relação à obra, sistema ou subsistema a que se refere (RAJEWSKY, 2012, p. 25).

Estratégias semelhantes podem ser diferentemente funcionalizadas em configurações midiáticas específicas (em textos, filmes, pinturas individuais etc.); de qualquer modo, novas camadas de sentido serão abertas por meio desse procedimento e elas devem ser levadas em conta na análise de artefatos específicos.

### 3 Considerações finais

As transformações das formas de produção simbólica e material que vêm se acelerando desde o final do século passado tiveram, como consequência e instrumento, mudanças acentuadas nos meios e modos de comunicação. Nesse novo espaço comunicativo, a centralidade das mídias, como elementos constitutivos do sentido mesmo das trocas, torna-se cada vez mais

proeminente. A clássica observação de McLuhan de que “o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1964, p. 21) reverbera com força no tempo da comunicação instantânea.

Esse contexto se traduziu, dentro da academia, no surgimento de diversas linhas de investigação que têm, nas mídias, em suas configurações e suas inter-relações, um de seus elementos centrais. Assim, estudos sobre intermedialidade, estudos midiáticos, rem(i/e)dição, mediação e adaptação emergem e ganham corpo a partir da última década do século XX. O processo de surgimento dessas novas áreas de estudo tem sido marcado por disputas em torno do sentido de conceitos chave, como, por exemplo, mídia e intermedialidade.

Esse artigo introdutório buscou oferecer uma síntese das perspectivas mais relevantes no enfrentamento desse desafio de definição conceitual. O breve cotejo que ele realiza das contribuições de diversos autores permite apreender a riqueza de possibilidades que essa diversidade de olhares encerra.

## Referências

- CLÜVER, C. “Inter textus / Inter artes / Intermedia,” in: *Komparatistik. Jahrbuch der Deutschen Gesellschaft für Allgemeine und Vergleichende Literaturwissenschaft (2000/2001)*, Heidelberg, Synchron, 2001.
- CLÜVER, C. Intermedialidade. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, p. 8-23, 16 jan. 2012.
- CLÜVER, C. Inter textos / Inter artes / Inter media. *Revista Aletria*, Belo Horizonte, 2006, v. 14. Disponível em: [<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357/1454>]. Acesso em: 27 mar. 2020.
- ELLESTRÖM, L. (ed.). *Media Borders, Multimodality and Intermediality*. Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2010.
- ELLËSTROM, L. *Midialidade: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2017.
- GUELTON, B. Repérer et jouer la fiction entre deux médias. In: GUELTON, B. (direction). *Images et récits - La fiction à l'épreuve de l'intermedialité*. Paris, L'Harmattan, 2013, p. 9-28.
- HIGGINS, D. *Intermedia in Horizons: The Poetics and Theory of the Intermedia*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1984, p. 18-28.

HIGGINS, Dick. Intermídia. Tradução de Amir Brito. In : DINIZ e VIEIRA (org.). *Intermedialidade e Estudos Interartes: Desafios da Arte Contemporânea 2*. Belo Horizonte, Rona Editora: FALE/UFMG, 2012, p. 41-50.

MCLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo, Editora Cultrix, 1964

MÜLLER, Jürgen E. "Intermediality Revisited: Some Reflections About Basic Principles of This Axe De Pertinence." In: ELLESTRÖM, L. (ed.). *Media Borders, Multimodality and Intermediality*. Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2010.

MÜLLER, J. E. Intermidialidade revisitada: algumas reflexões sobre os princípios básicos desse conceito. Tradução de Anna Stegh Camati e Brunilda Reichmann. In : DINIZ e VIEIRA (org.). *Intermedialidade e Estudos Interartes: Desafios da Arte Contemporânea 2*, Belo Horizonte, Rona Editora: FALE/UFMG, 2012, p. 75-95.

RAJEWSKY, Irina O., *Intermediality, Intertextuality, and Remediation: A Literary Perspective on Intermediality*. 2005.

Available at [http://cri.histart.umontreal.ca/cri/fr/intermedialites/p6/pdfs/p6\\_rajewsky\\_text.pdf](http://cri.histart.umontreal.ca/cri/fr/intermedialites/p6/pdfs/p6_rajewsky_text.pdf).

RAJEWSKY, I. Border Talks: The Problematic Status of Media Borders in the Current Debate about Intermediality. In: ELLESTRÖM, L. *Media Borders, Multimodality and Intermediality*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010, p. 51-68.

RAJEWSKY, I. Intermidialidade, Intertextualidade e "Remediação": uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. Tradução de Thaís Flores Nogueira Diniz e Eliana Lourenço de Lima Reis. In: Diniz, T.F.N. *Intermedialidade e Estudos Interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte, UFMG: 2012, p. 15-46.

RAJEWSKY, I. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermidialidade. Tradução de Isabella Santos Mundim. In: DINIZ, T.F.N. e VIEIRA, A.S. (org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Vol. 2. Belo Horizonte, Rona Editora: FALE/UFMG, 2012. P. 51-74

RAJEWSKY, I. Le terme d'intermédialité en ébullition: 25 ans de débat. In: FISCHER, C. (org.) *Intermédialités*. Paris, Mondial Livres, 2015, p. 19-54.

RAJEWSKY, I. *Intermediality, Intertextuality, and Remediation: A Literary Perspective on Intermediality*. In: *Érudit* URI: <http://id.erudit.org/iderudit/1005505ar> DOI: 10.7202/1005505ar Montréal, 2016, p. 42-64.

RAJEWSKY, I. O termo intermedialidade em ebulição: 25 anos de debate. Tradução de Ana Luiza Ramazzina Ghirardi. In: FIGUEIREDO, C., OLIVEIRA, S. DINIZ, T. *A intermedialidade e os estudos interartes na arte contemporânea*. Santa Maria, Ed. UFSM, 2020, p. 55-96.

RYAN, M.-L. On the Theoretical Foundation of Transmedial Narratology. In: Narratology beyond Literary Criticism. Mediality, Disciplinarity, hg. V. Jan Christoph Meister, in Zusammenarbeit mit Tom Kindt und Wilhelm Schernus, Berlin/New York: de Gruyter, 2005, p. 1-23.

VENEROSO, M. Palavras e imagens em livros de artista. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, v. 2, n. 3, p. 82-103, 24 maio 2012.

WOLF, W. Intermediality. In: HERMAN, D., JAHN, M., RYAN, M.-L. (Eds). *Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*. Londres/Nova York: Routledge, 2005, p. 252-256.

WOLF, W. "(Inter)mediality and the Study of Literature." CLCWeb: Comparative Literature and Culture 13.3 (2011): <<https://doi.org/10.7771/1481-4374.1789>>